

---

## SOCIOLOGIA DA IMAGEM: UMA METODOLOGIA ANTICOLONIAL DE ANÁLISE DE IMAGENS HISTÓRICAS

ANDI ALMEIDA <sup>1</sup>

### RESUMO:

O que se propõe nesta resenha é a apresentação do livro "Ch'ixinakax Utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores", da socióloga Silvia Rivera Cusicanqui. A proposta, no entanto, busca enfatizar reflexivamente o conceito de Sociologia da Imagem – que é central na compreensão do livro – explorando-o e sistematizando-o como uma metodologia anticolonial de análise de imagens históricas. Se for da vontade do analista lançar um novo olhar para o passado colonial sem o embaço das lentes ocidentalizadas; ou ainda, observar o projeto de modernidade vigente por um novo ângulo, são indispensáveis a leitura do livro, o domínio da metodologia e uma conciliação entre o ver, o falar e o fazer.

Palavras-chave: metodologia anticolonial, sociologia da imagem, imagens históricas.

### ABSTRACT:

What is proposed in this review is the presentation of the book "Ch'ixinakax Utxiwa: A Reflection on the Practices and Discourses of Decolonization", by the sociologist Silvia Rivera Cusicanqui. The proposal, however, seeks to reflectively emphasize the concept of the Sociology of the Image – which is central to the book's understanding – exploring and systematizing it as an anti-colonial methodology for analyzing historical images. If the analyst wishes to take a new look at the colonial past without the distortion of Westernized lenses, or even observe the current modernity project from a new angle, reading the book, mastering the methodology, and reconciling seeing, speaking, and doing are indispensable.

Keywords: anti-colonial methodology, sociology of the image, historical images.

### RESUMEN:

Lo que se propone en esta reseña es la presentación del libro "Ch'ixinakax Utxiwa: Una reflexión sobre las prácticas y discursos de la descolonización", de la socióloga Silvia Rivera Cusicanqui. La propuesta, sin embargo, busca enfatizar reflexivamente el concepto de la Sociología de la Imagen – que es central para la comprensión del libro – explorándolo y sistematizándolo como una metodología anticolonial para el análisis de imágenes históricas. Si el analista desea mirar el pasado colonial desde una nueva perspectiva, sin la distorsión de los lentes occidentalizados, o incluso observar el proyecto de modernidad actual desde un nuevo ángulo, es indispensable leer el libro, dominar la metodología y reconciliar el ver, el hablar y el hacer.

Palabras clave: metodología anticolonial, sociología de la imagen, imágenes históricas.

## INTRODUÇÃO

O que se propõe nesta resenha é a apresentação do livro Ch'ixinakax Utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores, da socióloga Silvia Rivera Cusicanqui. A

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPE. Integrante da Rede Lavits, Estopim e Grupo Aruanda. Redator e roteirista. Recife. Pernambuco. Brasil. E-mail: [almeidagora@gmail.com](mailto:almeidagora@gmail.com)

---

---

proposta, no entanto, busca enfatizar reflexivamente o conceito de Sociologia da Imagem – que é central na compreensão do livro – explorando-o como uma metodologia anticolonial de análise de imagens históricas. O conceito nasce a partir de uma teorização visual da obra *El primer nueva corónica y buen gobierno*<sup>2</sup> do cronista Guamán Poma de Ayala (ou, Waman Poma, como prefere a autora) criada no começo do século XVII, e dialoga com uma reflexão sobre as contradições dos discursos descolonizadores esvaziados de exercícios concretos. Se for da vontade do analista lançar um novo olhar para o passado colonial sem o embaço das lentes ocidentalizadas; ou ainda, observar o projeto de modernidade vigente por um novo ângulo, são indispensáveis a leitura do livro, o domínio da metodologia e uma conciliação entre o ver, o falar e o fazer.

Cusicanqui é de origem boliviana e possui trabalhos publicados principalmente sobre a história política e social de seu país. É também professora emérita da Universidad Mayor de San Andrés, fundadora do *Taller de Historia Oral Andina* (1983-2009)<sup>3</sup>, do coletivo *Coca y Soberanía* (2003-2008)<sup>4</sup>, do *El Colectivo Ch'ixi*<sup>5</sup> e ainda, participante da editora Aruwiyiri. Em 2018, recebeu o título de Doutor Honoris Causa com sólidas contribuições acadêmicas em tornada crítica da corrente pós-colonial. Sua formação em sociologia e sua reivindicação de uma dupla origem identitária lhe proporciona uma extensa reflexão sobre as dinâmicas sociais e históricas dos indígenas em contextos urbanos do sudoeste do continente sul-americano. Publicado em 2021 pela n-1 edições, *Ch'ixinakax Utxiwa* apresenta certas e sutis semelhanças com a obra de Waman Poma: além de articular imagens e textos, o livro projeta o desejo de revelar a situação colonial fabricada pela modernidade e seus efeitos. Mas vai além: indica uma ferramenta de análise de imagens históricas que opera simultaneamente na cultura, na política e na epistemologia, demonstrando que o interesse da autora pelas representações visuais se dá pela possibilidade de, através delas, recontar histórias.

A autora faz uma análise historiográfica das rebeliões pan-andinas do final do século XVIII, destacando as más distribuições sociais oriundas do conjunto de reformas espanholas que provocaram um grande mal estar coletivo. Essas mobilizações foram personificadas na

---

<sup>2</sup> Carta de mil páginas escrita por volta de 1612 e 1615 dirigida ao então rei da Espanha. A obra é complexa e multifacetada, apresentando textos e mais de trezentos desenhos feitos à tinta. Este material permaneceu desconhecido por séculos e só foi encontrado em 1907, na Biblioteca Real da Dinamarca.

<sup>3</sup> Grupo de pesquisa interessado nos saberes e métodos oriundos da oralidade.

<sup>4</sup> Grupo de estudos sobre o narcotráfico boliviano.

<sup>5</sup> Grupo de experimento pedagógico micropolítico que reproduz práticas do "bom governo" e do "bem viver". Para mais informações sobre este coletivo que permanece atuante, ver relato disponível online de Michele Torinelli no portal do Brasil de Fato.

---

figura de Tupaq Katari e culminou com a derrota dos indígenas em 1781. O esartejamento da liderança indígena produziu mais do que apenas uma derrota, mas uma série de símbolos de dominação que se perpetuaram nas produções culturais (dentre elas, as imagens) até os tempos atuais. Segundo ela, ao olhar para o ciclo katarista<sup>6</sup> – representado na crônica do Waman Poma – e compará-lo com o presente tempo, o que se desvenda são temas recorrentes que renovam "as táticas e formas de luta simbólica [...], mas transformando-as segundo o calor dos desafios e as condições de cada momento histórico" (CUSICANQUI, 2021, p. 18). Ao interligar o passado com o presente, evidenciando uma noção espiralar do tempo, Cusicanqui traz à tona a ideia de uma "memória histórica" que se reativa, porém ressignificada dentro dos contextos sociohistóricos em que ela reaparece.

Considerando que o colonialismo não se encerrou enquanto episódio histórico, mas permanece atuante na contemporaneidade, Silvia propõe o conceito de Sociologia da Imagem em contrapartida de uma possível "sociologia do texto" como uma maneira para desvendar "a forma como as culturas visuais [...] se desenvolveram em uma trajetória própria, que ao mesmo tempo revela e reatualiza muitos aspectos não conscientes do mundo social" (Ibid., p. 29). Para a intelectual, o colonialismo esvazia a "palavra" de sentido na medida em que lhe é roubada a capacidade de designar a realidade, passando a ser assim manipulada efetivamente para encobrir os fatos e não revelá-los. Não é exagero dizer que os discursos se tornaram formas de "dizer não dizendo": um jogo retórico de fundar noções desconexas da realidade e que ainda é absorvido e reproduzido pelo senso comum.

Por outro lado, as imagens podem oferecer narrativas peculiares que chacoalham a concretude dos fatos históricos "revelados" pela palavra. Essa perspectiva outra possibilita uma nova compreensão crítica da realidade, seja no passado, seja no presente. É a partir da análise das imagens (em detrimento das palavras) que Rivera propõe a descoberta daquilo que não foi censurado pelo texto. Alguns dos aspectos observados pela autora são: 1. a noção de ordem/desordem; 2. as distribuições espaciais nos centros povoados e; 3. o calendário ritualístico, todos eles voltados para o sentido do bem comum. E assim, as culturas visuais próprias da América Latina alcançam um outro patamar enquanto documento histórico: aquele de agenciar a sua própria narrativa contra a noção de uma "verdade histórica", evidenciando que é possível extrair argumentos críticos sustentados pelos elementos conceituais dos desenhos.

Assim como outros autores autodenominados anticoloniais, Silvia elabora uma epistemologia própria, ou seja, uma metodologia heterodoxa que não segue estritamente um padrão ou percurso rígido. Enquanto metodologia, Sociologia da Imagem vai nascer das

---

<sup>6</sup> Ciclo de rebeliões citado anteriormente.

---

experimentações cusicanquianas com suas alunas e alunos da universidade, em sua maioria de origem aymara ou qhichwa<sup>7</sup>. Em suas práticas pedagógicas, o que Silvia nota quando se permite fluir entre imagem e palavra é um jogo de linguagem que vai pôr em conflito a escrita culta e a fala coloquial de um lado; do outro, a experiência vivida (neste caso, também visual) e a atividade acadêmica de produzir textos. O olhar é o primeiro gesto metodológico: é através dele que podemos perceber a sutileza do não-dito, especialmente em uma situação de dominação colonial. É olhando, percebendo e sentindo as imagens que outras possibilidades de narrativas históricas vão aparecer. "Sentindo", sim, pois, o entusiasta desse método deve atentar-se às suas subjetividades durante o processo da análise, uma vez que, para ela, a produção do conhecimento descolonizado deve levar em conta a percepção subjetiva e as emoções do analista. Somente assim seria possível tomar consciência dos seus vieses, preconceitos e hierarquias.

Mirando a crônica do Poma, o que se revela para a socióloga é a noção de "Mundo ao Revés", isto é, a inversão de ordem e valores percebida como uma maneira de significar a "experiência cataclísmica da conquista e da colonização" (CUSICANQUI, 2021, p. 31). Os sintomas dessa catástrofe podem ser vistos em ideias de desordem: abusos, usurpações de terras e metais preciosos, exploração laboral, etc. Expõe também ideias de ordem e bem viver, a relação do seu povo com o sagrado, as hierarquias que obedeciam a uma ordem cósmica e outras. Com isso, Poma é comparado pela autora com o filósofo Franz Fanon, sendo ambos teóricos da situação colonial. É válido e curioso ressaltar que a concepção de Mundo ao Revés não é de exclusividade do cronista. Silvia menciona a obra de mesmo título de um pintor boliviano de meados do século XIX. "Para ele, o Mundo ao Revés aludia ao governo da república, em mãos de estúpidos" (Ibid., p. 34). Neste sentido, os desenhos expõem pistas teóricas e conceituais que podem ser lançadas para investigar de maneira crítica aspectos sociais de um passado que pode ser repensado, renovado ou até replicado sob um novo contexto. Assim, Sociologia da Imagem se apresenta como uma metodologia preciosa para reformular noções do ontem e do hoje a partir de imagens históricas. No entanto, recomenda-se o suporte de outros métodos analíticos para uma formulação mais precisa do objeto.

---

<sup>7</sup> Como consta nas notas do livro escritas por Ana Luiza Braga e Lior Zisman Zalis, Silvia opta por escrever determinados termos no original em quéchua e aimará, duas das mais de trinta línguas oficiais da Bolívia. Ao meu ver, a autora está nos convidando a experimentar o sentido de ch'ixi, um conceito aimará de algo que ao mesmo tempo é e não é, utilizado pela autora para exemplificar também a sua identidade mestiça.



*Mundo al revés*, XIX, Melchor María Mercado. Disponível em:  
<https://aheventos.wordpress.com/2022/09/12/melchor-maria-mercado/>

## REFERÊNCIAS

A experiência de uma sociologia que se tece por meio da paixão e do coletivo. Cultura. Brasil de Fato. São Paulo, 26 de abril de 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/04/26/a-experiencia-de-uma-sociologia-que-se-tece-por-meio-da-paixao-e-do-coletivo>>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

Cusicanqui, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa**: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. Tradução: Ana Luiza Braga, Lior Zisman Zalis. São Paulo: n-1 edições, 2021.

Cusicanqui, Silvia Rivera. **Sociología de la imagen**: miradas ch'ixi desde la historia andina. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.